Bernardo Guimarães

A escrava Isaura



PROGRAMA ESTADUAL DE LEITURA
RIO DE JANEIRO - BRASIL

A Escrava Isaura

Governo do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

Secretaria de Estado de Educação

Secretaria de Estado de Cultura

Projeto Estadual de Leitura

A Escrava Isaura - Bernardo Guimarães

Concepção, projeto gráfico e supervisão geral:
Ziraldo Alves Pinto

Adaptação:
Fernando de Castro

Direção de Arte:
Miguel Mendes

Diagramação eletrônica:
Fábio Ferreira

Ilustrações:
Reproduções em preto e branco de gravuras de Debret (testemunhos da época em que ocorre o romance)

Equipe de Arte:
Ziraldo, Charles Bertho Pessanha, Marco Antonio de Jesus Ferreira e Vanderlei Soares da Silva

Revisão:
Sérgio Dantas

Consultoria:
Antonio Olinto (da Academia Brasileira de Letras)

Produzido por:
MK comércio de livros e publicações Ltda.

Impressão e acabamento:
CNPJ.: 62.722.103/0001-12

Bernardo Guimarães

A Escrava Isaura





Bernardo Guimarães
1825 - 1884



scrita por Bernardo Guimarães, A Escrava Isaura *é uma história que ganhou admiradores em diversos países do mundo por causa de sua adaptação para a televisão. O romance foi escrito em 1875 e discute a questão da escravatura no Brasil através da vida de uma heroína, Isaura, que teve seu coração disputado por mocinhos e vilões. O grande diferencial, porém, está no fato de Isaura ser branca, o que em nada interferia em seu comportamento e sua condição de escrava, ou seja, o preconceito existia não só pela cor da pele – como se sabe, a massa de escravos que vinha para o Brasil era de negros provenientes da África –, mas se dava principalmente pela posição social do indivíduo.*

Além disso, uma donzela branca, de delicadas feições e boas maneiras, que a custa de todo sofrimento busca defender sua honra e pureza, a quem só se entregaria por amor, era o perfil preferido do público leitor de romances de folhetim, o público feminino. Mas para entender melhor do que estamos falando, vamos conhecer mais um pouco da trama e os personagens que nos esperam nas páginas desta importante obra da literatura brasileira.

Seguindo a linha do tempo, o romance está situado nos primeiros anos do reinado de D. Pedro II, que durou entre 1840-1889; portanto, A Escrava Isaura *era uma obra bastante atualizada em sua época. O cenário inicialmente era uma fazenda em Campos dos Goitacazes, região norte do Estado do Rio de*

Janeiro. Isaura, escrava branca e bem-educada por sua senhora, é filha da escrava mulata Juliana, que morrera pelos maus tratos causados pelo excesso de trabalho e castigos a que foi submetida pelo Comendador Almeida, depois que ela resistiu ao seu assédio e se apaixonou pelo feitor Miguel, um português que trabalhava em sua fazenda. Leôncio, recém-casado com Malvina, é filho do Comendador. Isaura passa pela mesma sina da mãe e se recusa a ceder aos insistentes apelos de Leôncio. É em torno desse drama que está baseada a história.

Para forçá-la a ceder aos seus desejos e caprichos de homem, Leôncio maltrata Isaura. Sempre resignada, suporta passivamente o seu destino, porém, não cede a Leôncio.

No entanto, seu pai Miguel, ex-feitor da fazenda, depois de tentar, em vão, comprar a liberdade da menina, não vê outra saída senão fugir com a filha. O destino é o Nordeste do Brasil. Em Recife, Isaura adota o nome de Elvira e vive reclusa numa pequena casa com seu pai. Então, conhece Álvaro, moço muito rico, por quem se apaixona e é correspondida. É a partir daí que o autor dá uma reviravolta na trama, colocando à prova o amor de duas pessoas de classes diferentes, e o que elas estão dispostas a fazer em nome desse amor verdadeiro.

A história tem final feliz para uns e triste para outros. Os esclarecimentos de todas as intrigas dessa emocionante saga ficam por conta da imaginação de cada um. O breve resumo que todos acabam de ler é um incentivo e dá apenas um panorama geral. A curiosidade só acaba, é claro, ao final do último capítulo.

Assim como A Escrava Isaura, *praticamente todos os romances de Bernardo Guimarães, cuja obra está classificada em nossa literatura como pertencendo ao Romantismo, seguem uma lógica simples, muito usada na época: uma heroína apaixonada, um vilão, e um mocinho de gestos nobres e generosos. Toda a trama é ilustrada ainda por familiares que podem tanto ajudar quanto atrapalhar os personagens principais. Ou seja, há muito tempo e até os dias de hoje, a luta entre o bem e o mal es-*

tá presente como tempero de muitos enredos de livros e filmes.

Lendo atentamente o romance, percebemos que Isaura é uma escrava que foge de todos os padrões, o que foi alvo de crítica na época do lançamento do romance. Se o autor pretendia criticar a escravidão e fazer propaganda abolicionista, por que sua personagem principal não era uma jovem negra, como todos os escravos? Por que não valorizar a raça negra no folhetim? Bem, temos que lembrar que estamos ainda no tempo do Império, uma época em que o Brasil seguia muitos padrões europeus. O autor queria, sim, criticar a escravidão porque ele próprio era abolicionista, mas não era bobo. Conhecia seus leitores e os preconceitos da sociedade em que vivia e temia que uma história sobre o sofrimento de uma negra interessaria a poucos.

Então, para que o livro fosse bem aceito e ele conseguisse, de alguma forma, mandar o seu recado, colocou a mocinha parecida com as donzelas francesas e inglesas. A maior parte dos leitores de folhetins daquela época era composta por mulheres, que sofriam com o preconceito social e eram oprimidas. Não trabalhavam fora e só podiam sair de casa com a permissão ou companhia do pai ou marido. Os romances eram sua principal distração e lhes faziam companhia grande parte do tempo, por isso a temática principal dos livros girava em torno das histórias de amor e a heroína precisava seguir o padrão de beleza dessas leitoras, brancas e delicadas.

O escritor também tinha consciência de que, de uma maneira geral, assim como nos dias de hoje, o preconceito social é bem mais amplo que o preconceito racial, pois inclui, além dos negros, os pobres e miseráveis. Não havia nenhuma vantagem em ser branco para quem era muito pobre, como Miguel, ou para quem era escravo, como Isaura. Outro recurso para criticar o regime escravocrata era a descrição detalhada e a denúncia do mau tratamento sofrido pelos escravos e dos métodos de punição e tortura aos quais eram submetidos pelos senhores. O objetivo final era sensibilizar a sociedade e convocá-la a

engrossar o coro dos abolicionistas.

Nascido em Ouro Preto, Minas Gerais, em 1825, Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, além de escritor, era poeta, jornalista e advogado. Formou-se em Direito em São Paulo, mas sua parte preferida do ambiente acadêmico ficava do lado de fora das salas de aula. A boemia, a vida festiva e as discussões com os amigos, inspiradas nos ideais do Romantismo, norteavam seus dias. Acho que quem vê aquela grande metrópole hoje não imagina que, há cerca de 150 anos, São Paulo era pouco mais que um arraial.

Bernardo Guimarães era contemporâneo e amigo de José de Alencar, Casimiro de Abreu, íntimo de Álvares de Azevedo. Ao final da faculdade, foi nomeado juiz de direito numa cidade do interior de Goiás, mas quase arruinou sua carreira ao inocentar e soltar praticamente todos os presos por pequenos delitos da cadeia pública da cidade. Ele volta a morar em Ouro Preto em 1866. Lá se casa com Thereza e com ela constitui uma grande família, com oito filhos. Nesta época trabalhava como professor secundário, mas se comportava como aluno, faltando às aulas por qualquer motivo. Bem, vê-se que não deu muito certo nesta profissão. Dedicava-se mesmo ao ofício de escritor, pertencendo, como já dissemos, ao Romantismo, segundo a classificação dos estilos literários. Produziu mais de 15 obras, entre romances e livros de poesia. Seu primeiro livro, publicado em 1864, O Ermitão de Muquém, *é considerado por alguns estudiosos o primeiro romance regionalista brasileiro, inaugurando o estilo. Mas a fama só foi realmente conquistada com a publicação de* A Escrava Isaura, *11 anos depois.*

O gênero romance é uma evolução do folhetim, que se tornou comum no Brasil lá pelos idos de 1830s. Os textos brasileiros demoraram um pouquinho mais a cair no gosto do público. O primeiro romance nacional de expressão foi A Moreninha, *de Joaquim Manuel de Macedo, então estudante de medicina, publicado em 1844. Desde então, o pú-*

blico passou a interessar-se mais por romances de aventuras e histórias de amor que se passassem no cenário brasileiro.

Dentro deste contexto e de acordo com suas obras, Bernardo Guimarães está incluído no Romance Regionalista, ou Sertanista, de temática rural. As principais características do romance regionalista são: enfatizar a unidade e a grandeza territorial do país, apresentar aspectos da vida rural, regional e sertaneja, destacando costumes típicos do local onde se passa a história e a bravura e a bondade do homem rural brasileiro, que é o herói. É ainda um resgate dos valores da vida rústica do interior, em oposição ao rápido crescimento das cidades.

Bernardo Guimarães diferenciava-se dos outros autores do Romantismo brasileiro por incluir na linguagem de seus romances elementos da narrativa oral, utilizando-se de "casos" e "estórias" populares para ajudar a construir e ilustrar os cenários de suas tramas, geralmente inspirados nos lugares onde o autor viveu, como os estados de Minas Gerais e Goiás.

Como foi percebido em A Escrava Isaura, *a polêmica garantia o sucesso das principais obras do escritor mineiro. Publicado em 1872,* O Seminarista *também de sua autoria, obteve grande sucesso de público. Narra o drama de Eugênio e Margarida, que se apaixonaram na infância vivida no sertão de Minas. Eugênio é internado pelo pai em um seminário, e ao fim dos estudos acaba por ser ordenado padre. Já sacerdote, Eugênio retorna à sua cidadezinha para assumir a paróquia local e reencontra sua antiga paixão, Margarida, que estava doente, à beira da morte. Deixamos o leitor sem um desfecho para incentivá-lo a procurar mais esta obra de B. Guimarães, que em muito critica o patriarcalismo do século XIX. Bernardo Guimarães faleceu em sua cidade natal, Ouro Preto, em 1884.*



A história que Guimarães nos conta será ilustrada com reproduções, em branco e negro, de gravuras de Debret, documentando a vida dos escravos brasileiros ao tempo de Isaura.



Em Campos dos Goitacases existia uma linda fazenda. Era grande e luxuosa. Quase não tinha muros ou cercas. A casa principal ficava bem na frente das colinas. Entrava-se nela por uma passagem toda decorada com flores. Ao fundo, ficavam as senzalas, os pátios, os currais e os celeiros. Fazia uma linda tarde de outubro. O sol brilhava tranqüilo. Quem prestasse atenção, podia ouvir bem ao fundo, vindo de dentro da casa principal, um som de piano e uma voz de mulher que cantava. Era bonito o som. A voz era suave e apaixonada. A música, porém, era um pouco triste. Falava de solidão e saudade. A moça que cantava era muito bonita, apesar de vestida de forma muito simples, sem os caprichos comuns às mulheres da época. Seu nome era Isaura e era uma escrava.

Quando terminou a música, ela levou um susto.

– Isaura!... disse alguém, colocando a mão no seu ombro.

– Ah! é a senhora?! – disse Isaura, dirigindo-se a sua patroa.

– Qual o problema? Gosto de ouvi-la cantar. Sua voz é tão bonita. Só não sei porque você gosta tanto dessa musica tão triste.

– Gosto dela porque acho bonita e porque... ah! não devo falar...

– Fala, Isaura – ordenou a mulher. – Já não disse que não gosto que me escondas nada?

– Porque me faz lembrar de minha mãe, que eu não

conheci – explicou. – Mas se a senhora não gosta da música, não a cantarei mais.

– Não gosto mesmo – respondeu a senhora. – Quando a canta, parece até que você é uma escrava infeliz, e que nós somos malvados com você. Aliás, você sabe que eu sou mais tua amiga do que tua senhora. Além disso, você é linda. Tão branca que ninguém diria que corre em tuas veias uma só gota de sangue africano. Não tem motivos para ficar triste.

– Mas, senhora, apesar de tudo isso, que sou eu senão uma simples escrava?

– Está reclamando da sorte, Isaura?

– Eu não. Não tenho motivo. O que quero dizer com isso é que eu apenas sei conhecer o meu lugar.

– Já sei o que te incomoda – disse Malvina, sorrindo. – Você está apaixonada.

– Eu, senhora? – assustou-se Isaura.

– Qual o problema? Vamos lá, confesse: está apaixonada, e é por isso que lamenta tanto não ter nascido livre. Acertei?

– Desculpa, sinhá Malvina, mas a senhora está enganada. Não amo ninguém.

A senhora insistiu:

– Você não me engana, minha amiga. Você é linda e bem prendada. Pode conquistar o amor de qualquer um. Mas não fique aflita com isso. Amanhã mesmo falarei com Leôncio e você terá tua tão sonhada liberdade. Chega a ser até uma vergonha que uma moça linda como você ainda seja uma escrava.

– Deixe-se disso, senhora. Eu não estou apaixonada e nem quero minha liberdade. Às vezes fico triste à toa mesmo, sem motivo nenhum.

– Não importa. Se quero que você seja livre, você será.

Isaura ia falar mais alguma coisa, mas foi interrompida

pelo som dos cavalos que se aproximavam da fazenda. As duas correram até a janela. Eram dois cavaleiros jovens e elegantes. Um deles era Leôncio, marido de Malvina. O outro se chamava Henrique, e era irmão dela.

Leôncio era muito rico, filho único de um certo comendador Almeida. O pai, já bastante idoso e muito doente, depois do casamento do filho havia lhe dado aquela fazenda para que ele a administrasse e foi morar na cidade. Havia se casado com Malvina porque ela também vinha de uma família muito rica, mas não a amava. Sua mãe havia recém-falecido quando ele se casou. Leôncio ficou muito triste com a perda, mas mesmo assim não atendeu à última vontade da mãe: a libertação de Isaura.

Isaura havia nascido naquela fazenda e sua história era muito triste. Sua mãe era uma bonita escrava, comprada pelo pai de Leôncio, ainda novinha. O Comendador maltratava seus escravos. Acontece que ao ver a mãe de Isaura, ele ficou apaixonado por sua beleza. Ela, porém era a escrava favorita de sua esposa. Mesmo assim, tentou namorá-la escondido algumas vezes. No início, ela fugia e ele então passou a ser muito violento. Sempre que podia, maltratava-a. Isso fez com que ela acabasse namorando-o, ainda que a contragosto. Até sua mulher descobrir e fazê-lo parar. Como castigo, então, ele ordenou que a escrava fosse proibida de entrar na sua casa. Também ordenou que um de seus empregados de confiança não a poupasse das surras. Sua fúria ficou maior ainda quando soube que esse tal empregado, um homem muito bondoso, ao invés de surrá-la, passou a cuidá-la com muito carinho. O homem era solteiro e logo os dois se apaixonaram. Desse amor, nasceu Isaura. O homem foi mandado embora, e nunca mais se teve notícia dele. A mãe de Isaura a teve mesmo assim, mas morreu logo em seguida. Para sua sorte, a esposa do comendador, que era uma mulher bondosa e que sempre sonhara em ter uma filha, pegou a menina para criar. Isaura se-

Sinhazinha criada com luxo passeia pela cidade acompanhada por sua escrava favorita

ria sua filha, decidiu. E assim o fez, criando-a, ensinando todos os bons costumes, além de ler, escrever e tocar piano. O comendador ficou uma fera, mas achou melhor não proibir. Sabia que a esposa era muito sozinha e que andava chateada com ele. Isaura nasceu com a cor branca do pai e com a beleza da mãe. Sempre soube que era uma escrava e nunca fez exigências que fossem além da sua condição original. Malvina, entretanto, sabia do carinho da sua sogra pela escrava. Não demorou muito para que se tornasse não uma patroa, mas sim uma grande amiga da moça. Sabia também do último pedido da sogra, e achou que era hora de libertarem Isaura.



eôncio já estava casado quando começou a prestar atenção na beleza de Isaura. Em pouco tempo estava apaixonado. Não se tratava, no entanto, de um amor bonito. Era um amor que seguramente ele não gostaria de sentir, mas que falava mais forte, e isso o irritava

profundamente. Era muito parecido com o pai. Sentia-se no direito de maltratar as pessoas e não sentia nenhuma culpa por isso. Henrique, seu cunhado, era o único que sabia desse sentimento, e não concordava muito, mas também não tentava fazê-lo desistir. Na verdade, Henrique também amava Isaura, mas não chegou a confessar isso ao cunhado. Limitava-se apenas a elogiar sua beleza. Era disso que falavam na manhã seguinte à chegada da viagem. Estavam na varanda do casarão, apenas a reparar na graça da moça que fazia seus serviços sem perceber que era observada, quando Malvina, apareceu. Estava risonha.

– Bom dia, senhores preguiçosos!

– Vejo que está muito alegre, minha querida, – respondeu Leôncio.

– Podemos saber o motivo?

– Estou alegre mesmo, e quero que hoje aqui em casa seja um dia de festa para todos. Mas isso depende de você, Leôncio.

– De mim?

– Sim. Não te lembras de uma promessa que sempre me fazes, promessa sagrada, que há muito tempo devia ter sido cumprida? Pois então, hoje quero que seja.

– Qual promessa? Não me lembro.

– Ah! Não lembra que me prometeu libertar a...

– Ah! já sei, já sei – interrompeu Leôncio, irritado. – Mas tratar disso agora? E aqui, na presença de Henrique?

– Não seja por isso – respondeu Malvina. – Henrique, espera aí um momento, enquanto eu converso a sós com meu marido.

E arrastou Leôncio para dentro de casa.

Henrique, aproveitando-se do fato de que o cunhado e a irmã haviam saído, ao ver que Isaura passava por ali, colocou-se em seu caminho. Ela se assustou.

– Que quer de mim, senhor? – disse ela, baixando os

olhos com humildade.

– Minha irmã tem razão; é pena que uma menina assim tão linda não seja mais que uma escrava. Se tivesses nascido livre, com certeza seria a rainha dos salões – disse o cavaleiro, mal disfarçando a cara de atrevimento.

– Está bem, senhor, está bem! – respondeu Isaura. – Se é só isso o que tinha para dizer, deixe me ir embora.

– Espera. Não seja assim tão má. Não quero te fazer mal. Na verdade, queria que você fosse livre, para que pudesse aceitar sem problemas o meu amor – disse o cavaleiro.

– Ah! senhor Henrique! O senhor não deveria estar falando isso a uma escrava. Há por aí tanta moça bonita.

– Não; ainda não vi nenhuma como você, Isaura, juro. Olha, posso conseguir a tua liberdade, se você aceitar ficar comigo. Além da liberdade, você terá tudo o que desejar: sedas, jóias, escravos para te servirem. É só você dizer que sim.

– Meu Deus! – exclamou Isaura. – Agradeço a oferta, mas prefiro que o senhor guarde suas grandezas para quem as merecer. Não posso aceitar.

Henrique ainda tentou beijá-la, mas ela o impediu ameaçando gritar.

– Aposto que com o Leôncio você não se comporta de modo tão arisco – retrucou o moço, buscando feri-la com palavras. Isaura ouviu calada. Henrique havia conseguido feri-la de fato. Não satisfeito ainda tentou uma última vez roubar-lhe um beijo. Mas dessa vez, foi interrompido por uma voz que vinha de muito perto. Era Leôncio, que assistia à cena toda.

– Bravo! muito bem, meu cunhado! – disse Leôncio, disfarçando o ciúme com um tom de sarcasmo. – Bela lição de moral! Pelo visto, sabe respeitar como poucos a casa de sua irmã!...

Henrique respondeu à altura:

– Casa esta que, pelo que consta, o senhor é incapaz de faltar com o respeito, não é, meu nobre cunhado?

– O que estás dizendo, rapaz? – gritou Leôncio, com gesto ameaçador. – repete o que estás dizendo?

– O mesmo que o senhor acaba de ouvir, – rebateu Henrique – e fique certo que a sua conduta não ficará por muito tempo oculta de minha irmã.

– Como assim?

– Pensa que não sei tudo? – respondeu Henrique, saindo em seguida, e deixando a pergunta em tom de ameaça no ar.

Depois que Henrique se foi, Leôncio arrependeu-se de ter provocado o cunhado. Ignorava que ele estivesse apaixonado também. No fundo, o que o irritava era imaginar que Isaura devia ter contado a Henrique alguma coisa a respeito de sua conduta, e isto o fazia espumar de raiva contra os dois. Ficou por alguns momentos em pé, mastigando a própria raiva. Depois, seus olhos encontraram Isaura.

– Ah! está ainda aí? – disse.

Isaura tremia, confusa.

– Pelo que vejo, anda cheia de admiradores! – continuou.

– Não é verdade – respondeu a moça. Ouço as palavras do senhor Henrique tanto como ouço as suas, meu senhor. Por não ter outro remédio.

– Mas você disse alguma coisa a ele, Isaura?...

– Nada que possa ofender nem ao senhor nem a ele.

– Jura?

– Juro.

– Ah! Isaura, Isaura!... toma cuidado. Se até aqui tenho sofrido com paciência as suas recusas, não estou disposto a suportar que em minha casa você fique escutando galanteios de quem quer que seja. E muito menos revelar o que aqui se passa. Se não quer o meu amor, evita ao menos

provocar meu ódio.

– Perdão, senhor, que culpa tenho eu de andarem me perseguindo? – questionou a escrava.

Mas Leôncio retirou-se da sala sem responder.



Escravo elegantemente vestido oferece flores à dama branca



Na manhã seguinte, com certeza, Isaura teria soltado um grito de pavor, se há muito não conhecesse aquela estranha figura que de repente aparecia na sala. Tratava-se de Belchior, o jardineiro que há tempos trabalhava na fazenda. Apesar de muito gentil, Belchior era corcunda e muito feio. Assustadoramente feio. Trazia em uma das mãos o chapéu de palha, que arrastava pelo chão, e com a outra empunhava um enorme arranjo de flores de todos os tipos. A cena se repetia com freqüência. E sempre terminava da mesma maneira: com o

pobre jardineiro de joelhos, oferecendo uma flor a moça e pedindo que ela o aceitasse como namorado. Acontece que nesse dia Leôncio, Henrique e Malvina observavam, sem serem notados, a graça da situação. Vinham do café quando se depararam com a cena ridícula que Belchior representava aos pés de Isaura. Leôncio, no entanto, mais uma vez não conseguiu disfarçar o ciúme e colocou o jardineiro para correr. Foi quando Malvina entendeu o que se passava com o marido.

– Leôncio, seu maldito! – disse ela, e saiu correndo para o seu quarto.

Isaura fez o mesmo, só que o seu destino foi correr para o jardim, para bem longe daquela casa.

Leôncio paralisou por alguns instantes, nervoso por seu segredo ter sido desvendado. Henrique, por sua vez, viu que a situação estava critica e saiu para esfriar a cabeça.

Na hora do almoço, Leôncio viu-se sozinho à mesa. Malvina, dizendo-se indisposta, recusou-se a sair do quarto. Irritado, o homem bateu com fúria a mão na mesa. Depois, conteve se e, acalmando se, entendeu que o melhor era não se dar por vencido. O ideal era fazer de conta que não estava entendendo o que se passava. Também saiu durante o dia inteiro. Já era noite quando voltou e foi descansar na varanda.

Não demorou e chegou Henrique. Passou apressado, atrás da irmã. Foi encontrá-la ainda fechada no quarto. Parecia ter chorado muito. Foi direto ao assunto:

–E então, minha irmã? Agora que você já sabe quem é de verdade seu marido, o que pretende fazer?

– O que pretendo? Você vai ver neste mesmo instante. Onde está ele?

–Na varanda.

– Pois bem, Henrique, venha comigo.

E os dois partiram para encontrar Leôncio.

– Leôncio – disse a esposa, com voz alterada. – preciso falar com você.

– Estou sempre às ordens, querida Malvina – ele respondeu, risonho, como se nada tivesse acontecido. – Pode falar.

– Quero dizer que eu não pretendo perdoá-lo.

– Perdoar-me por que, minha querida?

– O senhor se finge de desentendido, mas eu não caio nessa. Vim aqui para exigir uma coisa.

– Pois então exija, Malvina.

– Exijo que você dê um destino qualquer a essa escrava por quem está apaixonado. Liberte-a, Venda a, faça o que quiser. Alguma de nós terá que abandonar para sempre esta casa. E terá de ser hoje mesmo. Escolha entre uma de nós.

– Hoje?

– E já!

– Você sabe que é meu desejo libertar Isaura; mas é a meu pai que compete fazer isso.

– Que péssima desculpa.

– Malvina, querida! Estou pronto a fazer todo o possível para tranqüilizá-la, mas você deve saber que não posso satisfazer o seu desejo sem antes consultar meu pai. Não é desculpa. Você sabe que ele não quer vê-la livre. Tanto que na vez em que o pai dela veio aqui na intenção de comprá-la, ele exigiu preço praticamente impossível de se pagar.

A conversa se encaminhava para uma longa discussão quando alguém bateu à porta. Era o próprio Miguel, pai de Isaura, que no passado havia sido despedido pelo pai de Leôncio.

Leôncio, que ainda não o conhecia, recebeu o com alegria, mesmo sem saber de quem se tratava. Era um bom pretexto tratar com educação aquele velho e desconheci-

do homem. Ao menos prestaria para dar fim àquela conversa desagradável.

– Sente se, por favor. No que posso ajudá-lo?

– Obrigado! – disse o velho. – O senhor sem dúvida é o senhor Leôncio?

– Isso mesmo.

– Muito bem! – respondeu. – O meu negócio é simples: me chamo Miguel e trago comigo o dinheiro que seu pai exigiu para a liberdade de uma escrava desta casa. O nome dela é Isaura.

Leôncio ficou branco feito um cadáver.

– Pelo que vejo o senhor deve ser o pai dela.

– Exatamente.

Ao ouvir a confirmação, Leôncio começou a contar nota por nota o dinheiro, mais para ganhar tempo do que para verificar se estava exata a soma. No final, ficou atônito e contrariado ao descobrir que o velho de fato havia conseguido juntar tudo aquilo. Devia ter economizado cada centavo ganho ao longo da vida.

– Está certo – disse. – É justamente a soma exigida por meu pai. Mas lamento ter que pedir que o senhor guarde por enquanto o seu dinheiro. Isaura não me pertence ainda. Só meu pai pode aceitá-lo, e ele no momento encontra-se na cidade.

– Aceite o dinheiro, Leôncio! – exclamou Malvina. – Basta que você escreva uma carta para seu pai e ele logo responderá a favor da libertação.

Leôncio, incomodado pelo olhar de ódio da mulher, não teve como recusar. Pálido e pensativo, foi sentar se na mesa, e pôs-se a escrever.

– Droga! – resmungou, baixinho, Leôncio.

Nisso um empregado entrou correndo na sala e entregou lhe um envelope com uma listra preta. Leôncio abriu-a. E em seguida desabou sobre a cadeira, em estado de choque.

– Leôncio! O que houve? – perguntou Malvina, mas como o marido não respondesse, tomou a carta de suas mãos e começou a lê-la em voz alta:

"Leôncio, trago uma notícia muito ruim: Teu pai sucumbiu anteontem subitamente, vítima de uma doença cerebral, e faleceu..."



Escravos trazendo do porto mercadorias para consumo de proprietários ricos como os personagens masculinos desta história

Malvina não pôde continuar. Nesse momento, esquecendo se de tudo que lhe havia acontecido naquele dia, abraçou seu marido.

Isaura, ao ouvir a triste notícia, ficou desesperada. Mas não porque o pai de seu patrão havia morrido, e sim porque, agora, ela voltaria a ser propriedade de Leôncio.

– Estamos perdidos, meu pai!...



eôncio não libertou Isaura, fato que fez Malvina ir embora daquela casa para morar com seus pais. A escrava, por sua vez, foi mandada para a senzala, onde começou a dormir e a trabalhar com as outras empregadas. Em pouco tempo, adaptou-se ao novo ambiente. Não raro, sequer ia com as outras para almoçar, deixando-se levar



Escravas finas retornam das compras de sua senhora

sozinha no embalo do trabalho, que se não era o sonho de qualquer mulher que deseja ser livre, ao menos a fazia entreter-se com seus pensamentos de liberdade. Numa dessas tardes, ela ouviu passos firmes vindos ao longe. Não era comum alguém aparecer naquele horário, sobretudo porque todas as escravas estavam almoçando longe dali.

Era Leôncio, acompanhado pelo feitor.

– Onde estão as outras? – perguntou.

– Foram comer, senhor; mas não demoram – respondeu o empregado.

– Ótimo. Então logo que acabem de comer, leve as pa-

ra a colheita do café. Não as quero mais aqui!

O feitor acatou a ordem e se retirou, deixando o patrão e a escrava a sós. Leôncio dirigiu se para junto dela.

– Isaura, meu anjo, fique sabendo que agora a tua sorte está em minhas mãos.

– Sempre esteve, senhor.

– Mas agora mais que nunca. Meu pai é falecido, e não ignoras que sou seu único herdeiro. Malvina por motivos que você já sabe acaba de ir para a casa de seu pai. Sou eu que mando nesta casa agora. E quem decide pelo teu destino.

–Sei disso, senhor!

– E sabe também que eu desejo fazer você a mais feliz das criaturas, mas você parece não saber dar às coisas o devido valor. Um dia, te arrependerás de ter rejeitado meu amor.

– Nunca! – exclamou Isaura.

– Mas, Isaura, o meu amor por você é imenso; Só por isso eu não devo abandonar você ao mundo. Eu morreria de dor, se me visse forçado a deixá-la partir.

– Pois eu nunca saberia amá-lo, senhor – disse a escrava. E na mesma hora uma raiva incontida tomou conta de Leôncio. Aos berros, ele ordenou que um de seus empregados trouxesse um pedaço de tronco, algemas e um chicote.

– Você tem pouco tempo para pensar. Ou aceita meu amor, ou fica com meu ódio – decretou o homem, e saiu em passos largos.

Miguel, que desde a tentativa de comprar a liberdade da filha não arredou pé daquela região, apareceu logo em seguida, sem que Leôncio o notasse.

– Meu pai!... – exclamou ela, chorando.

– Que tens, filha?... que nova desgraça te machuca?

– Não está vendo?... ali está a sorte que me espera – respondeu, apontando para o tronco e as algemas.

– Que monstro, meu Deus!... mas já esperava por tudo isso. Não se preocupe, eu já tenho tudo arrumado. O

dinheiro que não serviu para comprar tua liberdade vai agora servir para arrancar você das garras desse monstro. Venha, Isaura. Vamos fugir.

– Mas como? E para onde?

– Para longe daqui, seja para onde for.

– Ah! meu pai, eu tenho medo; E se nos descobrem?

– Sei que é arriscado, mas é nossa única salvação. Todos estão longe. Em menos de uma hora estaremos em Campos, onde nos espera um navio que vai seguir viagem para o Norte nesta madrugada.

– Então vamos, meu pai.

E fugiram.

Passados mais de dois meses, e Leôncio não descansa em suas diligencias.

Isaura está no Recife, com seu pai. Usa o nome falso de Elvira, enquanto seu pai se diz chamar Anselmo para não despertar suspeitas. É uma noite festiva: em uma das principais ruas da cidade, há um edifício iluminado, para onde concorre grande número de cavalheiros e damas. É um lindo prédio onde a alta sociedade local costuma dar grandes festas.

Um grupo conversa animadamente sobre a nova moradora.

– É mais uma estrela que vem brilhar nos salões do Recife Dr. Geraldo – dizia Álvaro. – Não faz três meses que chegou à cidade. É a criatura mais encantadora que conheço.

– Meu deus! – exclamou o Dr. Geraldo. – Mas me diz uma coisa, Álvaro; essa moça não te disse de onde veio, de que família é, se tem fortuna?

– Não me importa. Sei apenas que veio do Rio Grande do Sul em companhia de seu pai; e que não tem muito dinheiro.

– Elvira! – observou o terceiro cavalheiro – bonito nome! E onde ela mora?

– Mora com seu pai em uma pequena chácara no bairro de Santo Antônio, onde vivem modestamente, evitando relações, e aparecendo raras vezes em público.

– E como você descobriu essa moça? – perguntou o doutor.

– Passando um dia a cavalo por sua chácara a vi sentada em um banco no jardim da frente da casa. Fiquei en-



Escravo e escravas mercadejando no centro do Rio

cantado. Como viu que a olhava com curiosidade, ela desapareceu. Passei a perguntar aos vizinhos de quem se tratava, mas ninguém sabia dizer. Um dia, porém, quando passeava de carro pelas margens do Rio Beberibe, avistei ela e seu pai. Como estavam muito longe de casa, convidei os a entrarem no carro. Aceitaram depois de muita relutância, e dirigimo-nos para a casa deles. Foi assim que nos tornamos amigos.

– E pelo que vejo – interrogou o doutor – você está apaixonado?

– Cada vez mais.

– Deus queira que não seja uma interesseira, que sabendo que você é rico, quer só saber do teu dinheiro! Esse mistério todo sobre a vida deles inspira muita atenção.

– Quem sabe se não são criminosos foragidos da polícia? – observou um cavalheiro.

– Santo Deus!– exclamou Álvaro. – Saibam que são muito injustos com aquela pobre moça.

– E como é – perguntou o Dr. Geraldo – que vivendo ela assim, tão isolada, aceitou vir a este baile tão cheio de gente?

– Me custou muito isso, meu amigo! Veio quase à força. Há muito tempo que procuro convencê la que uma jovem linda como ela não pode viver escondida.

Entrou nesse momento na ante-sala uma jovem moça pelo braço de um homem de idade.

– Boa noite, senhor Anselmo e D. Elvira! Felizmente estão aqui! – disse Álvaro aos recém-chegados.

E todos os homens presentes ficaram paralisados com sua beleza.

E rapidamente, em todas as rodas de conversa, Elvira e sua beleza se tornaram o principal assunto da festa.



lvaro era rico, educado e muito bonito. Filho único de uma distinta família, aos 25 anos, era órfão de pai e mãe e dono de uma fortuna imensa. Essas qualidades faziam dele um sujeito muito querido por todos, inclusive pelas mulheres. Pode se imaginar, assim, a decepção que reinou nos círculos das belas pernambucanas ao verem o interesse dele pela pobre forasteira. As moças arderam de ciúmes. Isaura era realmente a mulher mais be-

la que elas já tinham visto. Ao perceber que todos a olhavam, Isaura comentou baixinho com seu pai.

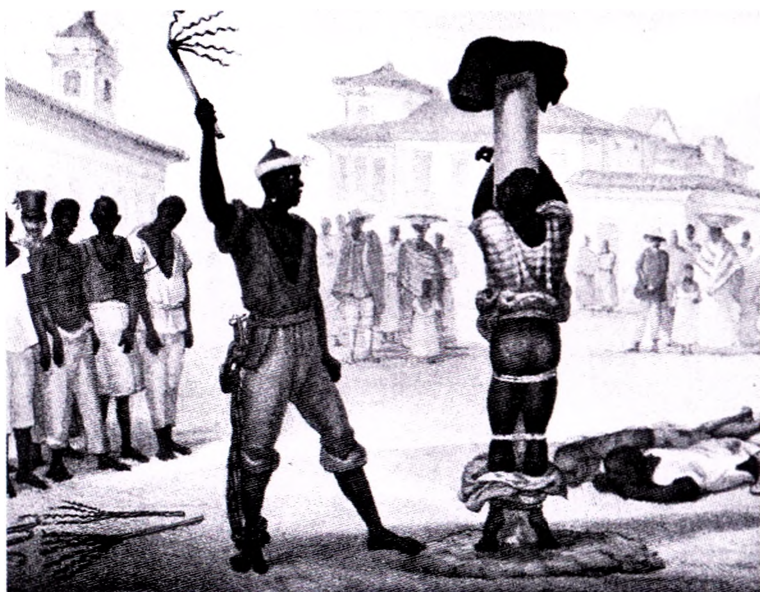
– Vamos embora.

– Sossega, minha filha – respondeu o velho. – Aqui ninguém pode suspeitar que você é uma escrava.

– Não sei, meu pai. Sou alvo de todas as atenções.

Neste momento falou Álvaro..

– Isaura, querida. Vim buscá la a pedido de alguns cavalheiros que já são seus admiradores. Querem que cante alguma coisa.



Escravo fugido sendo açoitado em praça pública, cena muito comum na época deste romance

– Cantar? Mas canto mal. Sou muito acanhada. Poupeme dessa vergonha.

– São desculpas que não posso aceitar, porque já a ouvi cantar e sei que canta bem.

Ela bem que tentou recusar, mas não tinha mais como

fugir. Lembrou dos conselhos do pai e achou que o melhor mesmo era mostrar para todos seus dotes de menina bem criada. Álvaro a conduziu até o piano. E deixou-se levar. Sabia que no fundo estava apaixonada por Álvaro e para satisfazê-lo resolveu cantar da melhor maneira possível.

Foi o que fez, lindamente. E mal terminou o canto, o salão inteiro caiu de aplausos.

Isaura, no entanto, nem deu atenção para as palmas. Sentia, sim, uma angústia tremenda. Todos a adoravam. Sobretudo, Álvaro. Mas lhe machucava o fato de ter que mentir.

Ainda mais para o homem por quem estava apaixonada.

Encerrado o numero ao piano, Isaura pôs-se a dançar com Álvaro. Mal contava ela que na sala ao lado, onde alguns rapazes jogavam cartas, seu segredo corria sérios riscos de ser descoberto. Entre os moços estava Martinho. Rapaz ganancioso, sempre querendo mais dinheiro do que já tinha. Os amigos, que já sabiam desse seu defeito, aproveitavam o momento de diversão para tirar sarro de sua cara, justo por este motivo. Por ocasião de uma frase que ele havia deixado escapar, todos estavam interessados em como aquele inocente baile seria capaz de render-lhe uma bela quantia em dinheiro.

– Vou ganhar uma bolada graças a esse baile – havia dito.

– Desculpe-nos, Martinho, mas nos diga como, aqui nesse salão onde só a alta sociedade desfila, você irá conseguir dinheiro?

– Não sei de que tanto se espantam, – replicou o rapaz; – o que admira é que ainda não tenham visto este grande anúncio que veio do Rio de Janeiro e foi distribuído por toda a cidade.

– O que diz nesse anúncio que possa te render alguma coisa? – interrogaram os amigos.

– Vejam que negócio curioso: Uma escrava branca, foragida do seu patrão, um senhor chamado Leôncio, há

mais de dois meses.

– Pobre Martinho! Tão ganancioso que já está até procurando escravos fugidos em uma sala de baile! E aqui lá é lugar de escravos, caro Martinho?

– Quem sabe? – respondeu o moço. – tenho meus motivos para desconfiar que por aqui mesmo vou achá la.

E ali Martinho ficou por um bom tempo a olhar, ora para os que dançavam, ora para o anúncio que tinha na mão, como quem analisa e confronta os sinais.

– Martinho está doido, não resta a menor dúvida – observou um dos rapazes.

Martinho, entretanto, sequer ouviu o comentário do amigo. Como de susto, ao enxergar detalhes no jeito de Isaura, exclamou.

– É ela! É ela; já não tenho a menor dúvida; é ela, sim.

– Ela quem, Martinho?...

– A escrava fugitiva!...E está ali dançando.

Os amigos riram.

– Até onde pretende levar essa farsa?

Martinho não respondeu. Dobrou cuidadosamente o anúncio, meteu-o no bolso, e esfregando as mãos com cínico contentamento, retirou se.

Álvaro conversava com Elvira em uma sala mais reservada. Até ali ainda não havia declarado seu amor, mas julgava já ter adquirido completo conhecimento do coração de sua amada. Pensava, portanto, que era hora de se declarar.

– D. Elvira – disse com voz grave e comovida. – Quero dizer que estou apaixonado pela senhora!

– Ah! senhor – murmurou ela suspirando. – O que posso responder às doces palavras que acabo de ouvir? Elas me encantam, mas...

Elvira parou bruscamente. Martinho acabara de entrar na sala com o jornal em mãos, e uma sensação ruim tomou conta dela.

– Desculpe-me, senhor – disse – mas sinto me mal e preciso ir pra casa.

– O que houve, Elvira? Quer que eu a acompanhe?... que chame um médico?

– Obrigada, mas não se preocupe; é só cansaço. chegando em casa ficarei boa.

– E quer ir embora sem me dizer uma só palavra de consolação e de esperança?...

– De consolação talvez, mas de esperança...

– Então não me ama...

– Amo muito.

– Então será minha...

– Isso é impossível...

– Impossível!... que obstáculo pode haver?...

– Não sei dizer.

Esta amorosa confidência foi bruscamente interrompida pela intromissão de Martinho. Isaura ficou paralisada de tanto pavor.

– Senhor Álvaro – disse lhe respeitosamente Martinho. – Com a sua permissão, preciso dizer duas palavras a esta senhora.

– A esta senhora! – exclamou o cavalheiro. – Que tem o senhor que ver com esta senhora?

– Negócio de suma importância; ela bem o sabe, melhor do que eu e o senhor.

Álvaro, que bem conhecia Martinho, e sabia quanto era desprezível, achou melhor perguntar para Isaura:

– Tem a senhora algum negócio com este homem?

– Eu? Nem mesmo o conheço – balbuciou a moça, pálida e a tremer.

– Ninguém quer atrapalhá-los, senhor Álvaro – Replicou Martinho. – Mas o negócio é mais sério do que o senhor pensa. Esta senhora é uma escrava foragida e eu estou encarregado de prendê-la e entregá-la a seu senhor.



Escravos capturados que passavam a viver acorrentados uns aos outros e continuavam, ainda assim, a trabalhar

– O senhor está louco ou bêbado – disse Álvaro, com raiva.

Martinho rebateu a acusação diante da pequena multidão que já se acomodava por ali, sedenta por um escândalo:

– Escute primeiro este anúncio que vou ler, e se não for verdade o que eu digo, vocês podem me cuspir na cara.

Fez-se um silêncio. E foi no meio desta multidão silenciosa que Martinho, em voz bem alta, leu o anúncio do princípio ao fim.

Aniquilada de dor e de vergonha, Isaura confessou.

– Senhores e senhoras, eu peço perdão! Mas o que esse homem diz, é verdade. Eu sou uma escrava!

Dito isso, desmaiou.

É impossível descrever a agitação que ficou aquele salão depois da noticia.

Para piorar ainda mais a situação da escrava, Martinho

havia previamente providenciado a companhia de um oficial de justiça, e exigia que lhe entregassem Isaura. Álvaro, porém, não deixou. Comprometeu-se a ele mesmo entregá-la ao seu senhor.

– Malditos! Querem me roubar! – reclamou Martinho. E revoltado, foi embora.



assado um mês, Isaura e Miguel, graças à valiosa intervenção de Álvaro, continuavam morando na mesma chácara. Álvaro ia quase todos os dias visitá-los, e ali passava longas horas entretendo-os sobre os meios de conseguir a liberdade de sua protegida, e procurando confortá-los na esperança de melhor destino. Graças a sua influência ficou acertado que pai e filha ficariam sob sua responsabilidade até que se decidisse que providência tomar sobre o destino dos dois. Álvaro não sabia onde arrumaria provas para que Isaura fosse posta em liberdade, mas estava mais do que disposto a vasculhar todos os cantos do mundo na intenção de encontrá-las. Por outro lado, o primeiro cuidado de Martinho foi escrever a Leôncio, contando que tinha descoberto o paradeiro da moça. Contou também sobre Álvaro, moço milionário que estava apaixonado por ela. A ponto de protegê-la, fazendo valer sua influência por causa da sua riqueza. Como resposta, recebeu uma carta em que o senhor o autorizava a apreender a escrava em qualquer parte que a encontrasse. Martinho, assim, foi o mais depressa possível até a delegacia e apresentou ao chefe a tal carta, exigindo que a polícia o ajudasse a prender a escrava. O delegado mandou dois policiais acompanhá-lo até a chácara.

– Ainda este safado! – exclamou Álvaro ao ver Marti-

nho. – O que o senhor quer aqui?

– Venho prender a escrava. Aqui está a ordem do chefe de polícia, mandando que ela me seja entregue.

Álvaro ficou uma fera. Disse que jamais iria cumprir aquela ordem. Mas como não parecesse que os gritos adiantariam, o rapaz refletiu um pouco, e vendo que tivesse que agir rápido, lhe ocorreu uma idéia. Abaixando o tom de voz, chamou para um canto Martinho e lhe fez a seguinte proposta:

– Caro Martinho, se o motivo que o faz querer tanto entregar Isaura ao seu senhor são os cinco mil de recompensa, ofereço o dobro para que a deixe em paz.

Martinho arregalou os olhos com a oferta.

– Dez mil?

– Dez mil – respondeu Álvaro.

– Nesse caso, e se você faz mesmo questão de proteger essa escrava, eu aceito. Ainda hoje escrevo uma carta ao senhor Leôncio dizendo que havia me enganado. Que esta moça que aqui se encontra não é Isaura.

E foi-se embora, para alívio de Álvaro.

Isaura apareceu na sala logo que Martinho foi embora. Não sabia do ocorrido e Álvaro achou melhor não contar nada.

– O que houve, senhor Álvaro? – perguntou ela. – Parece triste.

– Não estou triste. Estava apenas pensando num meio de fazê-la livre de uma vez por todas.

– Ah! senhor, não fique assim. É inútil lutar contra o destino que me persegue.

– Não fale assim, Isaura. Você não faz idéia do meu amor!

– Não sou digna dele. Dê seu amor a outra mulher que o mereça, alguém que não esconde de você nenhum se-

gredo.

– Não diga isso. No fundo, a culpa foi minha, em forçá-la a me acompanhar naquele maldito baile.

– Não é verdade. Fui porque o amava, assim como o amo ainda, cada vez mais. Mas sempre serei uma escrava.

– Isaura, você me ama, eu também te amo. Eu te amei por teus encantos, que seguem intactos, mesmo você sendo uma escrava.

– Mas de que nos serve esse amor, se meu destino é morrer como propriedade do meu algoz?

– Nunca! – exclamou Álvaro. – Usarei tudo que puder para libertá-la desse monstro.

– Oh! senhor Álvaro! Não vá se sacrificar por uma escrava. Não mereço nada disso.

– Por favor, Isaura, não repita mais essa maldita palavra. Você não é uma escrava. Não mais.

Dito isso, Álvaro abraçou-a com ternura. Isaura deixou-se abraçar. E assim ficaram por alguns segundos, até que uma voz chamando de fora os fizesse separar.

– Quem será agora? – reclamou Álvaro, levantando-se. – Acho melhor você ir lá para dentro. Deixe que eu cuido disso.

Isaura foi-se e Álvaro abriu a porta. De início, não sabia quem era aquele homem de aspecto grave que o visitava. Bastaram, porém, algumas breves palavras para que ele ficasse novamente preocupado.

– Me chamo Leôncio – disse o homem. – E vim buscar minha escrava.

Leôncio tinha sido esperto em não confiar em estranhos. O fato de Álvaro ter sido descrito como um homem rico e influente o convenceu a seguir imediatamente para Recife. Chegando lá, foi até a delegacia, de onde saiu com

quatro homens armados, rumo à chácara.

– O senhor não tem muito que fazer senão me entregar Isaura agora. Ela me pertence – disse Leôncio, com a voz severa.

– Pois estou disposto a dar tudo que tenho, dinheiro, posses, o que for, em nome da liberdade dela – rebateu Álvaro.



Casamento de escravos de ricos proprietários, convertidos ao catolicismo

– Não me interessa. Não quero nada que é seu. Apenas a escrava que me pertence.

– Para quê? Para maltratá-la porque ela não o ama?

– Não interessa para quê. Apenas que ela é propriedade minha, e que a lei está do meu lado.

Nesse momento, Álvaro perdeu a razão, e saltou con-

tra o pescoço do maldito.

– Pois saiba que não permitirei isso. Nem que para isso tenha que acabar com a sua vida, seu infeliz.

Leôncio, que não esperava aquela reação, ficou assustado.

– Está louco? – disse. Para em seguida gritar feito um covarde pelo socorro policial.

Os guardas entraram em seguida, assim como Isaura e seu pai, que ouviam toda a discussão escondidos. Pressentindo que tudo estava perdido, a moça resolveu se entregar.

– Aqui estou, senhor Leôncio – disse.

– São eles! Podem prendê-los! – ordenou ele.

Álvaro, por sua vez, nem assim desanimou.

– Vai Isaura, que a lei te obriga. Mas não se preocupe. Vou arrumar um jeito de libertá-la.

E Isaura foi, acompanhada da polícia, de Leôncio e do pai.

Uma hora depois Álvaro recebia em casa a visita de Martinho. Vinha mostrar a nova carta que havia escrito, avisando de seu engano, e para buscar seus dez mil prometidos.

– Não lhe devo mais nada. Isaura já está em poder de seu senhor – explicou Álvaro.

E Martinho, com a cara no chão, faltou só começar a chorar.


e volta à fazenda, Leôncio passou a manter Isaura na mais completa reclusão. Não só para castigá la, mas também porque sabia que não desistiria tão fácil o jovem Álvaro. Nesta nova fase, porém, ele tentou controlar um pouco sua ansiedade com relação à moça. Não porque temesse machucá-la e assim despertar ainda mais a fúria do jovem pernambucano, mas porque sabia que Isaura

não se entregaria facilmente; que seria em vão seu esforço. E também porque estava fazendo as pazes com Malvina. Confessou à esposa, com sinceridade assustadora, que por algum tempo se deixara mesmo seduzir pelos atrativos de Isaura, mas que isso já tinha passado. Também contou da fuga da escrava de seu pai, e que lá um moço que tanto tinha de rico quanto de desmiolado apaixonou-se por ela e foi correspondido, ainda que Isaura não tivesse contando logo a verdade, que era uma escrava, coisa que só fez bem mais tarde. Malvina, ingênua e com um coração sempre disposto ao perdão, acreditou em tudo.

– E o que pretende fazer de Isaura agora? – perguntou Malvina.

– Dar lhe um marido e carta de liberdade.

– E já achou esse marido?

– Já. É Belchior.

– O Belchior! – exclamou Malvina, rindo muito. – Fala sério, homem. Quem é?

– O Belchior. Falo sério.

– Mas você acredita mesmo que Isaura aceitará casar com aquele monstrengo?

– Se não quiser, pior para ela. Não lhe dou a liberdade, e há de passar a vida presa em ferros.

– Oh!... mas isso é muita crueldade, Leôncio. De que serve dar-lhe a liberdade em tudo, se não a deixa escolher um marido? Deixe-a casar com quem quiser.

– Ela não se casará com ninguém, se eu fizer isso. Irá direto para Pernambuco, e lá ficará nos braços de seu moleque, que teve o despeito de me desafiar.

– E o que importa isso, Leôncio? – perguntou Malvina com certo ar desconfiado.

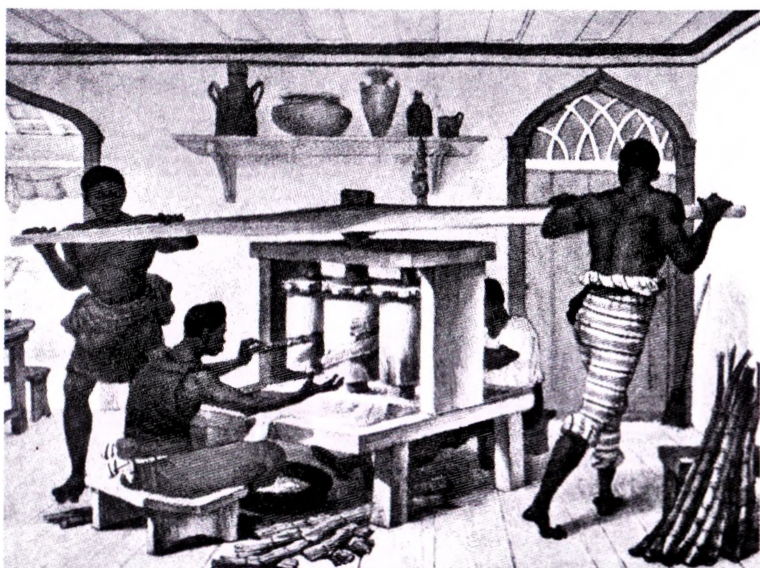
– Se você soubesse como aquele sujeito me provocou, gritando insultos contra mim e à nossa família! Depois disso, por mim, nem daria a liberdade a ela. Se não fosse

por tua causa, e também para satisfazer a vontade de minha mãe, eu nunca daria a liberdade a essa escrava.

– Está bem, Leôncio; mas eu acredito que Isaura preferirá ser queimada viva a casar se com Belchior.

– Não te preocupe com isso, minha querida. Tenho um plano, com o qual espero convencê-la a casar-se com ele de muito boa vontade.

– Se ela consentir, não tenho motivo para me opor.



Moedores de cana em fazendas como as do rico Álvaro

Leôncio, esperto, havia habilmente preparado o seu plano cruel. Miguel, pai de Isaura, estava ameaçado de ser preso por ter ajudado a filha a fugir. Bastava uma ordem de Leôncio para que isso acontecesse. Pensando nisso, foi o vilão procurar o pai da escrava.

– Senhor Miguel, tenho pena do senhor e de sua filha, apesar dos incômodos e prejuízos que me deram. Por isso, venho propor lhe um meio de acabarmos de uma vez para sem-

pre com as desordens, intrigas e transtornos com que sua filha tem perturbado minha casa e o sossego de minha vida.

– Estou pronto para qualquer proposta, senhor Leôncio – respondeu Miguel. – Desde que seja justo e honesto.

– Nada mais honesto, nem mais justo. Quero casar sua filha com um homem de bem, e dar lhe a liberdade. Mas para isso, preciso muito de sua ajuda.

– Pois diga em que posso servir.

– Sei que Isaura há de sentir alguma repugnância em casar se com a pessoa que imagino, em razão da tola paixão que parece ainda ter por aquele infame rapaz de Pernambuco, que meteu mil besteiras na sua cabeça e encheu-a de falsas esperanças.

– Creio que ela não deve lembrar desse moço senão por gratidão.

– Que gratidão? Pensa você que ele está fazendo muito caso dela? Aquilo foi um capricho de um jovem endinheirado. Leia esta carta, e o senhor verá. O patife teve a cara-de-pau de escrever-me contando que está casado! Mas isto ainda não é tudo. Na carta, ainda me pede que, caso resolva vender Isaura, não deixe de procurá-lo, porque ele muito deseja tê la para escrava de sua senhora!

– Desculpe, senhor Leôncio, mas é difícil de acreditar.

– Pois veja com seus próprios olhos, então. Não conhece esta letra?

E dizendo isto Leôncio apresentou a Miguel uma carta cuja letra imitava perfeitamente a de Álvaro.

– A letra é dele; não resta dúvida – disse Miguel, chocado com o que acabava de ler.

– Pois bem, guarde essa carta para mostrar a sua filha. É bom que ela saiba de tudo para não contar mais com esse homem. Faça também o que for possível a fim de convencer sua filha para esse casamento.

– Mas quem é esse genro, que o senhor não disse ainda?

– É verdade... esquecia-me. É o Belchior, o meu jardineiro. Sabe quem é?

– Sei! Mas duvido muito que ela queira.

– Que importa a aparência, se tem uma boa alma, e é honesto e trabalhador?

– Concordo. Mas acho difícil ela aceitar.

– Estou certo que bem aconselhada por você, ela pode aceitar.

– Farei o que puder; mas tenho poucas esperanças.

– E se não quiser, pior para ela e para você – ameaçou Leôncio. – Se ela não aceitar, fica tudo como estava.

Miguel não era homem de lutar contra a adversidade. O cativeiro e reclusão de sua filha, além da miséria em que se encontrava eram para ele horríveis. De modo que não achou cruel demais a proposta de Leôncio.

E aceitou.

Isaura há dois meses estava encarcerada. Miguel apareceu para falar com ela sobre a proposta do seu senhor.

– Minha filha é preciso que você faça esse sacrifício. É, sem dúvida, um cruel sacrifício para teu coração; mas é sem comparação mais suportável do que esse duro cativeiro.

– É verdade, meu pai. Mas eu ainda não sei qual dos dois será mais odioso e insuportável.

– Eu entendo, minha filha, mas com tempo e com paciência você se acostuma. Casar-se com Belchior é sem dúvida muito mais fácil do que este inferno. Belchior não é tão deformado quanto parece. O tempo fará você se acostumar com ele. Ânimo, minha filha. Quando você sair desse calabouço, o ar da liberdade te devolverá a alegria e a tranqüilidade, e mesmo com um marido como Belchior, ainda dá tempo de você ser feliz.

– Feliz! – exclamou Isaura com amargo sorriso. – Não me fale em felicidade, meu pai. Se ao menos eu tivesse o

coração livre. Se ao menos não amasse Álvaro.

– Não pense mais neste homem. Ele não a merece.

– Por que, meu pai?

– Porque Álvaro está casado, minha filha.

– Casado? Não é possível! Quem disse?

– Ele mesmo. Leia esta carta.



saura tomou a carta com a mão trêmula. Lida a carta, não disse nada. Paralisou por alguns instantes. Enfim, lançou-se ao colo de seu pai e chorou como jamais havia chorado em toda vida. Passado um bom tempo, ergueu a cabeça, enxugou as lágrimas, e pareceu ter retomado a tranqüilidade, mas uma tranqüilidade meio sinistra, fria.

– Estou morta, meu pai! Não sou mais que um cadáver. Façam de mim o que quiserem.

Malvina estava no salão, esperando a resposta. Sentiu um doloroso aperto no coração ao ver na porta o vulto da escrava presa ao braço de Miguel. Estava despenteada e muito abatida. Nem de longe lembrava aquela moça linda e encantadora.

– Então, Isaura – disse ela – já decidiu se casa ou não com Belchior?

Isaura apenas abaixou a cabeça.

– Sim, senhora – respondeu Miguel por ela. – Isaura está resolvida a casar-se com Belchior.

– Faz muito bem. Belchior é muito bom moço, inofensivo e trabalhador.

– Além disso, para conseguir a liberdade nenhum sacrifício é grande, não é Isaura?

– Sem dúvida, minha senhora – respondeu a escrava,

mais por abatimento do que por concordância.

– Muito bem – repetiu Malvina, para depois ordenar a um dos empregados que chamasse Belchior. Queria ela mesma dar a noticia.

– Aqui estou, senhora. O que deseja? – disse Belchior, entrando afoito na sala.

– Dar-lhe os parabéns, senhor Belchior – respondeu Malvina.

– Parabéns? Por quê?

– Porque Isaura está decidida a casar se com o senhor.

Ao ouvir a boa nova, Belchior desatou a chorar como uma criança. E se não fosse tão triste o destino da escrava, seria justo dizer que a cena foi até engraçada.

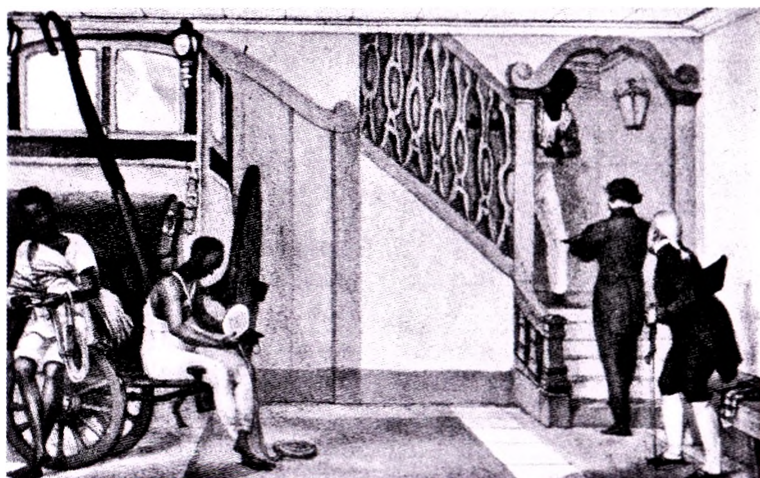
– E então, Leôncio – disse Malvina, na manhã seguinte. – Tomou todas as providências necessárias para arranjar esse casamento hoje mesmo?

– Sim, minha esposa. Daqui a pouco chega o tabelião para passar escritura de liberdade a Isaura e também o padre para celebrar o casamento.

– Excelente – disse a esposa, saindo em seguida e deixando Leôncio na companhia de um terceiro personagem, que também ali estava, chamado Jorge. Na solidão em que Leôncio se achou depois de seu rompimento com Malvina, Jorge foi para ele uma excelente companhia. Fazia dele seu confidente, contando os seus mais íntimos pensamentos, os seus planos mais perversos, e os mais secretos negócios de família. Foi para ele, por exemplo, que Leôncio contou o seguinte caso:

– Até que enfim, Jorge, achei um jeito seguro de vencer todas as dificuldades. Com este casamento fica satisfeito o desejo de minha mulher, sem que Isaura escape de todo ao meu poder. Pra falar a verdade, eu pouco me importo com os caprichos de minha mulher, se não fosse a

desgraça que estão os meus negócios. Minha fortuna está ameaçada de acabar, meu amigo. Minha única chance é a fortuna de Malvina, cujo pai é um homem muito rico. Mas isso ainda não é tudo. Com esse casamento arranjado, esse tal senhor Álvaro não será mais um problema na minha vida. Basta que faça chegar aos seus ouvidos que ela se ca-



Típica entrada de serviço das propriedades dos ricos senhores de escravos

sou, e ele não incomodará mais. Viu, como um casamento é capaz de resolver tudo?

Nisso, entrou na sala um dos empregados da fazenda.

– Estão na porta uns cavalheiros, que pedem licença para entrar, senhor Leôncio.

– Ah! já sei – disse o patrão. – São as pessoas que mandei chamar; o vigário, o tabelião e mais outros. Manda os entrar – ordenou o senhor.

Em seguida, pediu que outro empregado fosse chamar Malvina, Isaura, Miguel e Belchior. Estava para começar o casamento. Mal, porém, Leôncio deu a ordem, e apareceu à porta do salão um belo e jovem cavalheiro acompa-

nhado de mais três pessoas. Leôncio, que já ia sorrindo para recebê los e cumprimentá los, parou de repente.

Era Álvaro.

– Senhor Leôncio! – disse o cavalheiro, cumprimentando-o.

– Senhor Álvaro – respondeu Leôncio, controlando a raiva. – Posso saber por que honra recebo o senhor em minha casa?

Não demorou, e logo apareceram Malvina, Isaura, Miguel e Belchior.

– Meu Deus! É Álvaro!... – murmurou Isaura, sacudindo o braço de Miguel.

– Não esperava pela honra de recebê lo hoje em minha casa – continuou Leôncio, tentando manter o sangue frio. – Entretanto, aproveito para convidá-lo para um grande evento que está para acontecer.

– Qual? – quis saber Álvaro.

– Isaura vai ser libertada hoje, para se casar com um homem de bem.

– E quem a liberta? – perguntou Álvaro.

– Quem mais senão eu, que sou seu senhor? – respondeu Leôncio, arrogante.

– Pois declaro que o senhor não pode fazer isso – rebateu Álvaro com firmeza. – Essa escrava não lhe pertence mais.

– Não me pertence? – gritou Leôncio. – O senhor está louco ou apenas delirando?

– Nem uma, nem outra coisa – respondeu Álvaro com toda a calma. – Mas afirmo que essa escrava não lhe pertence mais.

– E quem se atreve a inventar isso? – perguntou.

– Os seus credores – replicou Álvaro, sempre com a mesma firmeza na voz. – Esta fazenda e todos os escravos que aqui vivem, além desta casa, nada disso lhe pertence mais.

De hoje em diante o senhor não é dono de mais nada que aqui está. Veja – continuou mostrando lhe um maço de papéis. – Aqui tenho em minhas mãos toda a sua fortuna, cujas dívidas são bem maiores que o dinheiro que o senhor



Escravos trocam óleo de lampião público, enquanto religiosos recolhem donativos, cena recorrente no Rio do começo do século XIX

dispõe. Sua falência é completa e irremediável e a Justiça irá em breve pedir a execução de todos os seus bens.

Com um simples aceno de Álvaro, o escrivão que o acompanhava apresentou a Leôncio o mandado de execução de seus bens. Leôncio passeou rapidamente por ele com os olhos vermelhos de raiva.

– O quê? – exclamou ele. – E por acaso não posso obter alguma moratória, e salvar minha honra e meus bens por outro qualquer meio?

– As pessoas para quem o senhor deve já tentaram todas as maneiras de receber, mas o senhor nunca pagou. Não foi difícil comprar os papéis de suas dívidas com eles. Assim, estão em minhas mãos quase todos os seus títulos de dívida, e eu não estou nem um pouco interessado em estender o prazo para que o senhor me pague o que deve.

– Maldição! – bradou Leôncio, batendo com o pé no chão e arrancando os cabelos.

– Meu Deus! Que vergonha! – exclamou Malvina, soluçando.

E, de fato, Álvaro tinha encontrado uma bela saída para reaver seu amor. Logo que Isaura voltou para Campos com seu patrão, o jovem também partiu para o Rio de Janeiro. Veio sem plano nenhum em mente, sem sequer saber o que devia fazer. Sabia, no entanto, que em primeiro lugar devia estabelecer-se nas vizinhanças de Leôncio, a fim de poder colher informações e investigar se por acaso algum recurso haveria para obrigar o senhor de Isaura de libertá-la. Desembarcou no Rio de Janeiro com intenção de logo seguir viagem para Campos. Antes, porém, ele procurou colher entre as pessoas do comércio algumas informações a respeito de Leôncio.

E elas não podiam ter sido melhores.

Leôncio estava falido. Vivia esbanjando dinheiro e não se preocupava em pagar suas dividas. Vendo que não receberiam nunca o que o fazendeiro lhes devia, seus credores resolveram recorrer à Justiça. Foi quando Álvaro chegou e propôs comprar todos os créditos pela metade do seu valor. Os credores não hesitaram em aceitar a proposta. Preferiram receber a metade logo, em dinheiro vivo, a esperar por uma decisão da Justiça, que demoraria muito. Assim foi que, dono de todos os títulos de divida de Leôncio, isto é, de toda a sua fortuna, Álvaro partiu para Cam-

pos, com todos os papéis e documentos que lhe garantiam o direito de posse, acompanhado de um escrivão e dois oficiais de Justiça.

Enfim, libertaria Isaura.

Ao tomar conhecimento de que estava tudo perdido, Leôncio saiu correndo para dentro da casa, sem dizer nada.

– Leôncio, aonde você vai? – perguntou Malvina, tentando alcançá-lo no meio do caminho. Porém, antes disso, ouviu se um tiro.

Leôncio havia dado fim à própria vida.

E Álvaro e Isaura, finalmente, estavam livres para se amarem em paz.



Esta não é uma gravura de Debret, mas apresenta dois amorosos da mesma época, que bem poderiam ser Isaura e Álvaro, personagens desta história de final de feliz

O adaptador

Fernando de Castro

Fernando de Castro tem 27 anos, é jornalista, gaúcho de Passo Fundo, e começou a ler livros quando criança porque ainda não existia TV a cabo. Gostou tanto que acabou escolhendo uma profissão que lhe permitisse estar sempre em contato com a leitura e ainda lhe rendesse uns trocados. Não é contra videogames, computadores, game-boys nem desenhos animados, mas ainda acredita que a criança é mais feliz quando usa a própria imaginação e deixa um pouco de lado o controle remoto. Atualmente assina coluna no Caderno B *do* Jornal do Brasil, *cujos temas geralmente são proibidos para menores.*



PROGRAMA ESTADUAL DE LEITURA

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA